

AS FACES DO ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA

PHYSICAL EDUCATION AND FACES OF SPORTS

Marcelo da Silva Villas Bôas^{*}
Francisco Cock Fontanella^{**}
Vanildo Rodrigues Pereira^{***}

RESUMO

O objetivo do presente estudo de revisão foi o de analisar as faces pró e contra o esporte, com base em enfoques extraídos da literatura nacional e internacional, relacionada com a área da Educação Física. Foi possível identificar e discorrer sobre as duas correntes, como sugere o título, verificando-se alguns motivos ideológicos embutidos que demonstram a radicalização tanto da face pró como também da face contra o esporte. Alguns achados moderados fazem crer na possibilidade de utilizar o esporte nas vertentes escolar e extra-escolar a partir da infância, aproveitando benefícios ao equilíbrio pessoal, vida em sociedade e qualidade de vida.

Palavras-chave: esporte, faces, Educação Física.

INTRODUÇÃO

O presente estudo de revisão teve como objetivo analisar as faces pró e contra o esporte, com base em enfoques nacionais e internacionais.

Sabe-se que o homem tem sido motivo de divisão entre corpo e mente desde a antigüidade e que muitos profissionais ainda continuam tendo esta visão dicotômica. Como pode-se observar nas palavras de Fontanella (1995, p. 7):

A visão dualista do homem é muito antiga. Ela é mesmo imemorial. E justifica: Na teoria, o homem é dividido. Na prática, o homem é ora dividido, ora indiviso. Quando age, o homem pode ser uno. Quando pensa, quando teoriza, quando filosofa, quando defende uma tese, o homem é presa da razão racionante, da razão dos conceitos, das leis, das proibições, dos julgamentos, da razão que abomina o sentir, o palpitar humano, o vibrar em comum[...]

Este autor destaca quatro momentos onde o homem pode se recuperar: quando dança, nas relações sexuais, na arte e no esporte. “No esporte – o homo ludens também é simplesmente homem. Não como o intelectual. Age todo ele em consonância com o meio, com o universo, sem precaver-se disso. É também o homem indiviso” (Fontanella, 1995, p.21).

Vê-se, entretanto, quanto ao esporte, que este ainda vem sendo muito trabalhado na forma tradicionalista, enfatizando a parte mecânica e a técnica especialmente dentro das aulas de Educação Física. Não obstante a isso, o esporte como conteúdo faz com que a maioria das crianças sintam prazer pela sua prática, muitas vezes preferindo esta disciplina entre as outras, como se pode constatar nas pesquisas realizadas por Mourão; Pereira (1995, p. 148), ao concluírem que “a educação física foi eleita a disciplina preferida pelos alunos, pois sua dimensão lúdica está proporcionando aos alunos auto-realização no espaço escolar”.

* Professor Mestre em Educação do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

** Professor Doutor em Filosofia da Faculdade de Educação da Unimep.

*** Professor Doutor em Aprendizagem Motora do Departamento de Educação Física da UEM.

Sem dúvida, o esporte transmite um fascínio muito grande na sociedade, fazendo parte da cultura, especialmente pelo grande número de ídolos e de conquistas no cenário esportivo mundial. Isto propicia um reflexo acentuado em todas as faixas etárias, podendo ocorrer uma conotação tanto positiva como negativa, o que vem aumentar ainda mais a responsabilidade dos professores quanto à transmissão do conteúdo dos esportes, dentro ou fora das aulas de Educação Física.

Analisando a literatura, verifica-se que há, entretanto, uma face pró e outra contra o esporte, entre os autores nacionais e internacionais, que são objetos da discussão a seguir.

A FACE PRÓ-ESPORTE

O esporte nas aulas de Educação Física

Ao longo das duas últimas décadas, principalmente, o esporte vem se consolidando como parte essencial e indispensável nos planejamentos e conteúdos das aulas de Educação Física, e as modalidades mais utilizadas nos meios educacionais são as coletivas, destacando-se o handebol, o basquetebol, o voleibol e o futebol. Entre os individuais como mais freqüentes, estão o atletismo, a ginástica e a dança.

Muitas controvérsias vão surgindo quando se discute o modo como o esporte vem sendo trabalhado no contexto educacional, especialmente a partir da 5ª. série do ensino fundamental. A ênfase dada ao rendimento técnico-mecânico e a excessiva competitividade dentro e fora das aulas são os principais quesitos que têm ocasionado esta problematização.

Nas escolas, a busca de campeões conduz à especialização prematura, inibindo o desenvolvimento do potencial psicomotor das crianças. “[...] As influências tecnicistas fazem com que a atividade do jogo esteja sistematicamente voltada para o desempenho e para os resultados de alto nível” (Oliveira, 1986, p. 77).

Mesmo assim, muitos profissionais e pesquisadores da área têm levantado bandeiras e travado verdadeiras batalhas em favor do esporte como parte importante e integrativa do conteúdo

dentro das aulas de Educação Física, na tentativa de resgatar o seu valor educativo.

Para Teodorescu (1984, p. 15),

o conhecimento e a prática do desporto constituem atos de cultura; a cultura desportiva – tal como a cultura física - representam domínios da cultura material e espiritual universal. Ao mesmo tempo, o desporto constitui um excelente meio da Educação Física, componente importante e inseparável da educação geral e multilateral característica do mundo contemporâneo.

Numa visão mais atualizada, Shigunov e Pereira (1993, p. 89), ao se referirem ao esporte na escola, em especial aos coletivos, comentam:

A partir da entrada na escola, os desportos coletivos poderão desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento corporal e social da criança, desde que se relacionem com os fatores gerais da educação, numa exploração organizada e lúdica, direcionada para os objetivos multidisciplinares, características do processo ensino-aprendizagem atualmente proposto e visando ao desenvolvimento das potencialidades, bem como à integração na vida em sociedade.

Ao se referir sobre as atitudes e procedimentos dos profissionais da área, relacionados à aplicação das técnicas desportivas, Gonçalves (1994, p. 163) destaca:

O professor ao procurar que o aluno desenvolva habilidades técnicas e desportivas, deve ter sempre presente a unidade da expressão corporal: a intrínseca ligação da execução do gesto e do desempenho no esporte com a realidade existencial do aluno - temores, bloqueios, aspirações, fantasias, formas de se relacionar com outros etc.

Referindo-se também à importância do caráter lúdico do esporte na escola, Cagigal (1981, p. 154) afirma: “O esporte, em toda sua variada dimensão, desde o espetáculo mundial até o anônimo esforço individual, deve reter-se para cima de toda sua condição lúdica”.

Finck (1995, p. 49) vem reforçar esta visão enfatizando: “Há possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem dos movimentos do Esporte (5º. à 8º. Séries) de forma mais lúdica, utilizando meios não estandardizados (selvagens), adaptando suas regras e oportunizando a participação da maioria”.

Ainda neste sentido, Singer e Dick, apud Shigunov e Pereira (1993), salientam que o desenvolvimento de qualquer desporto coletivo na escola implica necessariamente no conhecimento dos seus componentes fundamentais conducentes ao ato desportivo motor, dos quais se destacam: o gesto motor; a colaboração e a cooperação; a motivação.

Ao se referir à importância da prática do esporte na escola pública, Finck (1995) destaca a sua ação socializadora e ao mesmo tempo democrática, dizendo que os alunos teriam oportunidades de vivenciar este tipo de atividade de forma mais organizada e sistematizada. Enfatiza também o importante papel da escola ao oferecer este tipo de atividade, tanto nas aulas de Educação Física como nos treinamentos esportivos, e destaca a dificuldade encontrada pela grande maioria das crianças, principalmente no que diz respeito ao acesso a clubes sócio-esportivos. Desta forma, ela pode escolher a modalidade desportiva de sua preferência e praticá-la adequadamente. E complementa: “Vê-se o Esporte como o meio mais rico e simples instrumento pedagógico na Educação Física Escolar, que pode incutir no educando a vontade de crescer enquanto indivíduo, dando-lhe a sensação de que sua situação social não é final e pode, num determinado momento, ser revertida”.(Finck, 1995, p. 53)

Um ponto especialmente polêmico no âmbito da utilização de atividades desportivas nas aulas de Educação Física, sem dúvida, é a competição, ponto este destacado e muito criticado por diversos estudiosos, que referem haver perigos desta atividade no contexto da escola. Por outro lado, Freire (1991, p. 153), referindo-se à competição entre crianças, afirma que:

Professores realmente preocupados com o desenvolvimento das características humanas, ao invés de tentar eliminar o caráter competitivo

dos jogos deveriam procurar compreendê-lo e utilizá-lo para valorizar as relações. Creio ser mais educativo reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir.

Segundo Cagigal (1981, p. 189), para que se desenvolva o valor educacional do esporte, e que este possa contribuir com a aquisição de atitudes para as pessoas viverem melhor consigo mesmas e com os outros, devem ser observadas algumas regras gerais:

Jogando; dando asas à necessidade humana de movimento; pondo em ação o corpo e espírito

(podendo somar também o psíquico); estimulando o esforço orgânico; habituando a superação pessoal; restabelecendo o equilíbrio psicossomático (geralmente perdido pelo hábito sedentário); aprendendo experimentalmente (sem experimentos nem testes) a rica alternativa da tensão-distensão; expressando estados internos; praticando o ócio; atuando em equipe; vinculando os interesses particulares aos do grupo; aprendendo que o jogo da vida sempre tem adversários; aceitando a derrota; comunicando-se com a linguagem simples de movimentos e habilidades universais inteligíveis; liberando-se; **libertando-se.**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, ao referirem-se aos jogos e aos esportes como componentes curriculares, recomendam que deve-se buscar sempre a formulação de atividades significativas, que façam sentido para o aluno. Para isto, é necessário que se introduza atividades que proporcionem prazer na sua prática, valorizando os conteúdos conceituais e atitudinais, além de visar aos meios para garantir a vivência da prática da experiência corporal. Nessa perspectiva, incluir o aluno na elaboração de propostas de ensino e aprendizagem, considerando sua realidade social e pessoal, sua percepção de si e dos outros, suas dúvidas e necessidade de compreensão desta realidade (Brasil, 1998).

Percebe-se a importância dada ao esporte dentro da escola, dando ênfase à maneira de condução deste conteúdo dentro das aulas de

Educação Física; o lúdico aparece como fator determinante, para que o esporte possa realmente auxiliar no desenvolvimento integral da criança e também a participação em massa dos alunos nas atividades desenvolvidas, possibilitando a criatividade, a espontaneidade e a criticidade.

O ESPORTE COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR

Atualmente, muitas escolas da rede pública estadual oferecem as denominadas aulas-treinamento, funcionando fora do horário normal das atividades curriculares. No caso específico do Estado do Paraná, estas atividades são desenvolvidas por professores de Educação Física, responsáveis pela formação das respectivas turmas de treinamento, que visam ao aprendizado e/ou aperfeiçoamento da modalidade preferida, sendo que o objetivo principal centra-se na participação nos jogos escolares do município, da região e, na fase final, do Estado, caso se obtenha a classificação.

Pode-se dizer também que nem sempre este tipo de atividade é realizado por professores especificamente preparados, mas, mesmo assim, a procura dos alunos é muito expressiva, pois nem todos tem possibilidades de participar em clubes ou autarquias municipais, onde tanto a performance quanto o nível sócio-econômico são fatores preponderantes.

De acordo com Montagner (1993, p. 36),

do ponto de vista geral, seria importante que a escola voltasse a desenvolver o esporte com essa ênfase, pois seria um segmento que poderia fornecer esse serviço às crianças e jovens impossibilitadas de freqüentar os clubes e que não possuem grande talento desportivo. Isto diminuiria a tendência elitizante do esporte atual.

Sabe-se da existência de alguns projetos que abrangem desde a iniciação até o aperfeiçoamento. Nestes, são oferecidas modalidades desportivas com objetivos diferenciados, que vão desde afastar a criança da marginalização, das drogas e da prostituição até a sua manutenção na escola, além de dar oportunidade de uma forma mais democrática à criança de menor poder aquisitivo.

Muitos destes projetos constituem iniciativas de Universidades, de prefeituras municipais, de autarquias e de associações, com apoio tanto público como privado. Dentre eles pode-se citar o projeto “Esporte e Recreação à Comunidade Universitária”, da Universidade Estadual de Maringá, desenvolvido pela Coordenadoria de Desportos e Recreação do Departamento de Educação Física que, além de oferecer turmas em diferentes modalidades individuais e coletivas, para os filhos de servidores da instituição, também atende à comunidade externa, englobando mais de quinhentos jovens.

Zaluar (1991) destaca dois programas em que há o envolvimento do esporte: o PRIESP, realizado no Estado do Rio de Janeiro, em 1985, da Fundação Roberto Marinho; e o RECRIANÇA, que foi resultado de uma política desenvolvida pela Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência, (MPAS), usando como referencial um dos projetos, o Programa de Integração do Menor, (PIM), desenvolvido na cidade de Curitiba no Estado do Paraná, a partir de 1987. Os programas esportivos foram criados com o intuito de combater a violência e de se tornar uma alternativa para aqueles que permanecem na rua, ou seja, ocupar o tempo livre das crianças fora do período escolar.

O PRIESP tem como um dos objetivos disseminar ou popularizar a prática desportiva múltipla, enquanto o RECRIANÇA era um projeto mais ambicioso. Não se restringia apenas à educação esportiva; utilizava o esporte como meio de educar tanto crianças quanto jovens, orientando-os para o trabalho e fornecendo-lhes alimentação.

De acordo com a mesma autora, o desenvolvimento dos referidos projetos, em relação à prática do esporte, tem como principal característica enfatizar a recreação e o lúdico em suas atividades. Os dois projetos conseguiram cumprir seus objetivos em relação às expectativas e necessidades das crianças, até aproximadamente os treze anos. A partir desta idade, as crianças se desmotivavam pela ausência de competições e pela falta de aprofundamento técnico da modalidade escolhida.

Recentemente a mídia começou a divulgar alguns projetos de grande envergadura. Um deles foi o Programa Social da Mangueira, no Rio de Janeiro, coordenado pela Comunidade da Escola de Samba Mangueira, que funciona em período integral, fazendo com que a criança permaneça mais tempo na escola. Desta forma acreditam que o aluno aprenderá mais, praticará mais esporte e lazer, fará mais amigos, conquistará cidadania e reduzirá o tempo ocioso. Como resultado principal, conseguiu-se a diminuição quase total de crianças envolvidas com drogas e criminalidade naquela comunidade. “Nosso objetivo é ocupar o tempo ocioso da melhor maneira possível: educando” (Revista Mangueira, 1997, p. 12).

Outro fator determinante no programa foi oportunizar indistintamente à criança a participar de uma atividade pretendida, ao mesmo tempo em que se poderia revelar talentos nas mais diferentes modalidades esportivas.

Um outro projeto divulgado pela mídia foi o Programa Santo Amaro, realizado pela Fundação Ayrton Senna em Pernambuco, tendo como propósito algo semelhante ao já citado anteriormente. Esta instituição se utiliza do esporte como meio de desenvolvimento integral de crianças e jovens, partindo do conceito de **Educação pelo Esporte** e da sua relevante função no desenvolvimento cognitivo, emocional e na saúde física dos participantes.

Os princípios norteadores do Programa de Educação pelo Esporte são representados pelos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, sendo que, de acordo com um documento enviado pela supervisora do projeto da referida Fundação, Goldenberg (1998):

Através da prática esportiva as crianças e jovens podem vivenciar a convivência em grupo, a partilha de decisões, o respeito aos limites e regras, além de desenvolver o espírito de solidariedade e cooperação.

[...] O esporte propicia oportunidades para a aprendizagem de conteúdos voltados para a educação, potencializando seus valores sociais e pedagógicos, sem preocupações quanto ao respeito de performance atlética (não paginado).

Este programa já está implantado em seis cidades brasileiras e atende a duas mil e oitocentas crianças, sempre em parcerias com universidades e multinacionais como a Audi (Indústria Automobilística), que anunciou um investimento de seis milhões de dólares (Revista Caras, 1998, p. 78).

A quantidade de projetos em que o esporte se faz presente, com a intenção de melhorar a qualidade de vida, especialmente de crianças oriundas de famílias pobres, cresce a olhos vistos, pelo prazer e naturalidade com que a criança demonstra na sua prática cotidiana, além do retorno que proporciona. Isto é possível constatar nas palavras de Finck (1995, p. 49) quando diz que: “acredita-se que o esporte é uma das poucas opções que possibilita a diferentes classes sociais oportunidades iguais de ocuparem o mesmo espaço; é nele que as classes sociais misturam-se, ou para sua prática, ou para assistir a espetáculos esportivos”.

Para Tubino (1992, p. 32-33), “o esporte na escola pode ser um dos meios efetivos na formação dos jovens, a prática esportiva como educação social será indispensável no desenvolvimento de suas personalidades e imponderável nos seus processos de emancipação”.

Numa tentativa de imprimir qualidade ao esporte, Seurin, apud Montagner (1993, p. 88-89), aponta quatro princípios norteadores da ação educativa do esporte:

- 1º. Pôr a competição desportiva ao alcance do maior número possível de adolescentes;
- 2º. Fazer atuar de preferência a emulação não seletiva e o espírito de cooperação;
- 3º. Incrementar a autogestão do desporto nos adolescentes;
- 4º. Dar maior importância aos valores morais.

Dessa forma, torna-se possível observar a força e o poder do esporte como meio de auxílio e apoio à formação do ser humano, principalmente a partir da 5ª. série do Ensino Fundamental, podendo concretamente influenciar nos mais distintos aspectos: físico, psíquico, social, afetivo, cultural e até mesmo econômico.

A FACE CONTRA O ESPORTE

O vilão: o esporte

No âmbito da Educação Física escolar, o esporte, para muitos autores da nova geração, é entendido como algo negativo, não exercendo função educativa e muito menos socializadora. Ressaltam a competição, o rendimento técnico, a supervalorização às regras, entre outros, como motivos principais para adotar esta oposição ao esporte como conteúdo escolar. Segundo tal corrente, este não produz qualquer efeito sobre o processo de socialização. Pelo contrário, dizem que o esporte na escola vem reproduzindo alunos inconscientes, acríticos e insensíveis à realidade que os envolvem. Para esta corrente, o esporte estimula o individualismo, a competição exacerbada e o autoritarismo.

De acordo com Brhuns (1993, p. 46),

esta sobrevalorização do esporte muitas vezes leva os profissionais da área da Educação Física a não perceberem a dimensão educativa da atividade lúdica, utilizando-se unicamente do esporte, em que os mais 'poderosos' merecem atenção e os inimigos abatidos traduzem-se em pontos ganhos, transformando-se nos fracos inúteis 'naturalmente' eliminados.

Nota-se aí um certo radicalismo que não dá margem a outra interpretação. Já para Bracht (1992, p. 61), o papel social do esporte no desenvolvimento da criança, possui a seguinte conotação:

A socialização através do esporte escolar pode ser considerada uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes como condição alegada para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade. Um dos papéis que cumpre o esporte/escolar em nosso País, então, é o de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista, que por sua vez visa a fazer com que os valores e normas nela inseridas se apresentem como normais e desejáveis. Ou seja, a dominação e a exploração devem ser assumidas e consentidas por todos, explorados e exploradores, como natural.

Torna-se claro, assim, que este autor se refere a uma conotação relacionando ideais políticos. Ao tecer esta crítica, prossegue do seguinte modo:

No esporte, desenvolvem-se idéias ou valores que levam ao conformismo, como é o respeito incondicional a regras, porque o comportamento não conformado no esporte não leva a modificações do esporte, mas, sim, à exclusão dele. No esporte coloca-se em destaque a idéia de que todos têm a oportunidade de vencer (vencer no esporte = vencer na vida), através do esforço pessoal e individual, bastando para isso que se esforce e que tenha talento (como Pelé, Zico, Bernard e outros), o que, em última análise, justifica e explica as diferenças sociais, negando toda e qualquer determinação social (Bracht, 1992, p. 62-63).

Por outro lado, ambos os autores apontam o jogo como tema, como um elemento salvador e ou estrategista-emancipador no conteúdo da Educação Física escolar. Enfatizam e destacam no jogo a qualidade lúdica além do fato de não possuir regras institucionalizadas e imutáveis. Segundo Beltrami (1998, p. 54), “o tema mais recorrente na Educação Física escolar, entre os novos autores, é o jogo. Este aparece como estratégia didático-pedagógica privilegiada da educação física escolar nas formas como o defendem os novos autores”.

A mesma autora ressalta ainda que, para aqueles, o que vai permitir o desenvolvimento de atitudes, provocar uma ação intencional ou levar ao desenvolvimento do conhecimento no jogo é a presença da ludicidade.

Para manter uma certa continuidade ao tema jogo, vê-se em Huizinga (1980) que este apresenta, como características fundamentais o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade. Segundo ele, todo jogo é capaz a qualquer momento de absorver inteiramente o jogador. Lança sobre nós um feitiço, é fascinante, cativante. O jogo está repleto das duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia. E destaca:

[...] Embora o jogo enquanto tal esteja para além do domínio do bem e do mal, o elemento de tensão lhe confere um certo valor ético, à medida que são

postas à prova as qualidades do jogador: sua força e tenacidade, sua habilidade e coragem e, igualmente, suas capacidades espirituais, sua 'lealdade'. Porque, apesar de seu ardente desejo de ganhar, deve sempre obedecer às regras do jogo. (Huizinga, 1980, p.14).

Percebe-se uma dificuldade na definição entre jogo e esporte, mesmo numa tentativa de diferenciação feita tanto através dos conceitos como nas atividades que os envolve. O esporte aparece como algo imutável, sério, repleto de regras, competitivo. Já o jogo, aparece como algo natural, lúdico.

Brhuns (1993, p. 45), na tentativa de estabelecer diferenças entre essas duas atividades, afirma:

Partir da premissa da similaridade entre esporte e jogo é colocar este último fenômeno dentro de certas restrições predeterminadas como imposição de regras, modelos, busca de rendimento, recordes, medalhas, juízes, capitães, etc. que se, por um lado, caracterizam aparentemente o esporte, acabam descaracterizando a atividade lúdica que apresenta componentes como a espontaneidade, a flexibilidade, o descompromisso, a criatividade, a fantasia, a expressividade, etc. com características culturais próprias.

É nessa perspectiva dicotômica que a autora se coloca entre o jogo e o esporte, o que se constata quando se observa suas abordagens sobre: relações lúdico x competição; criatividade x adestramento; processo x produto, entre outras.

Afinal, no esporte, o elemento de ludicidade não estaria também presente? Ou alguém pratica esporte sem sentir prazer? E no jogo, as regras e a competição não se fazem presentes? Percebe-se que ambos possuem e necessitam de regras e se realizam através de uma certa competitividade, como requisitos indispensáveis para haver um desenvolvimento contínuo e ao mesmo tempo motivante.

Ao analisar definições de vários autores, tanto sobre o conceito de esporte quanto de jogo, pode-se observar que vão sendo estabelecidas várias contradições, mostrando ao mesmo tempo muita semelhança e muita diferença entre

ambos, especialmente para os estudiosos defensores do jogo em detrimento do esporte, quando referem uma supervalorização do esporte em relação ao jogo, tanto dentro como fora da escola.

O herói: o jogo

Torna-se quase impossível abordar o esporte como meio educativo sem mencionar o jogo como uma parte deste conteúdo no desenvolvimento de crianças e jovens. Mesmo porque, quando se fala, se lê, ou se pratica esporte, pensa-se automaticamente em jogo. A própria etimologia das palavras jogo e esporte se confundem, pois elas trazem como significados: divertimento, brinquedo, passatempo, entretenimento...Ficará mais confuso quando se dizer: vamos assistir ao jogo de futebol e não ao esporte de futebol ou ainda, vamos jogar contra o Santos.

[...] o esporte tem suas raízes etimológicas no francês *desport*, que os ingleses alteram para *sport*. O termo tinha, então, a conotação de prazer, divertimento, descanso. E, apesar das diversas nuances que o esporte assumiu ao longo do nosso século, as pessoas continuam fiéis ao sentido original. Até hoje, por exemplo, quando se pretende manifestar algum descompromisso, diz-se que se fez alguma coisa por esporte. Apoiado nesse conceito, o lúdico aparece como sua característica básica, na medida em que o esporte será sempre um jogo, antes de mais nada (Oliveira, 1986, p. 75).

Percebe-se a dificuldade de distingui-las, uma vez que ambas trazem significados análogos ou muito próximos ou, ainda, se interligam e se completam.

Não se cogitou desenvolver um estudo exaustivo do jogo, mas sim abordar sua trajetória para poder situá-lo dentro do contexto do desenvolvimento da criança, especialmente as integrantes do Ensino Fundamental.

Os jogos, como se sabe, eram utilizados pelos primitivos e se faziam presentes em todas as etapas das civilizações, seja em forma de cultos, comemorações ou até mesmo nas guerras. Brinquedos como bonecas, bolas, tambores, entre outros, já eram usufruídos a

milênios pelas crianças, em suas primeiras atividades lúdicas.

De acordo com Couterney apud Brhuns (1993, p. 64), “muitos jogos originaram-se de relações afetivas envolvendo o namoro, o casamento, a ‘traição’, etc. e em vários acontecimentos da vida profana (adivinhações, feitiços, crenças em fantasmas, etc.)”

A criança, durante as etapas do seu desenvolvimento, experimenta o jogo como forma de diversão para realizar seus desejos através de representações do seu real e usando da imaginação. Para isso, ela usufrui de recursos materiais, ou seja, brinquedos ou objetos, de uma forma lúdica para auxiliá-la na representação do real do seu cotidiano. Freire (1992, p. 38) salienta que

um brinquedo não precisa ser tecnologicamente sofisticado para ser bem utilizado pela criança. O fato é que um brinquedo ainda não se constituiu como tal enquanto não cair nas mãos (olhos) da criança. Ele será brinquedo quando estiver sendo brincado e, aí, não é necessário ser comprado numa loja especializada.

Desta forma, ela expressará ou fantasiará aquilo que lhe convier. Este tipo de jogo, denominado de faz-de-conta, está calcado na realidade, mas também na liberdade, onde a imaginação se faz presente na própria origem do jogo. Segundo este mesmo autor, “estes jogos constituem-se numa atividade na qual as crianças sozinhas ou em grupos procuram por meio de representações de diferentes papéis compreender o mundo.” (Freire, 1992, p. 38).

Para Friedmann (1995, p. 60-61), “há sempre uma situação imaginária que implica na interação da criança com seu meio e seus pares [...] cada grupo de crianças determina as regras de seu desenvolvimento”.

Este tipo de atividade vai possibilitar à criança a formulação de vários tipos de linguagem em diferentes planos, emancipando-se e estabelecendo novas interações sociais.

Os jogos, de certo modo, acompanham o homem da infância ao fim da vida. Também o esporte vem buscando ocupar um espaço análogo no cotidiano das pessoas de todas as idades, pois atualmente tem sido direcionado com a intenção de tornar-se um hábito, algo

indispensável para uma melhor qualidade de vida, objetivando mais saúde e mais prazer, praticado tanto de forma orientada como espontânea.

Passando à idade escolar, a criança terá contato com outros tipos de jogos, os denominados jogos pré-desportivos. Em seguida, por volta da 5ª série do Ensino Fundamental, iniciará atividades de cunho desportivo, onde são utilizados os esportes, os jogos, a dança e a ginástica, como parte do conteúdo da disciplina de Educação Física.

Muitos estudiosos de diversas áreas têm realizado trabalhos e apresentado resultados significativos envolvendo o jogo no desenvolvimento infantil. Segundo Le Boulch (1987), ao se garantir uma certa gratuidade e liberdade durante o jogo à criança, os educadores facilitam sua socialização. Destaca que, especialmente entre seis e doze anos, os jogos coletivos vêm aumentar sua posição na vida da criança. Esses jogos coletivos, na maior parte com predomínio motor, são favoráveis à compreensão e à aceitação das regras que progressivamente ampliarão sua liberdade concedida no plano lúdico. Citando Piaget, este mesmo autor refere que “a regra do jogo, mutuamente concedida pelos diferentes membros do grupo, desempenha um papel essencial no desenvolvimento social da criança, desde que não seja vivida como obrigação imposta pelo adulto”(p. 50).

Para o Coletivo de Autores (1992, p. 65-66), “o jogo [...] é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente.”

E ainda complementa:

O jogo satisfaz necessidades das crianças, especialmente a necessidade de ‘ação’. Para entender o avanço da criança no seu desenvolvimento, o professor deve conhecer quais as motivações, tendências e incentivos que a colocam em ação, não sendo o jogo aspecto dominante da infância, ele deve ser entendido como ‘fator de desenvolvimento’ por estimular a criança no exercício de pensamento, que pode desvincular-se das situações reais e levá-la a agir independentemente do que ela vê.

A polêmica existente entre diferentes autores, como se vê, origina certos partidarismos entre os profissionais que atuam neste campo (Educação Física), indicando que outros esclarecimentos são ainda necessários para se poder conter radicalismos de ambas as partes, de modo que a utilidade, tanto do jogo quanto do esporte, possam ser aproveitadas em torno da qualidade de vida do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo de analisar as manifestações pró e contra o esporte, encontradas na literatura, verificou-se inicialmente a existência de argumentos antagônicos de ambas as partes.

De um lado, o esporte é visto como parte integrante de um processo cultural mundial que se sobrepõe ao jogo simples e lúdico, mas que seria capaz de produzir benefícios tanto na escola como em clubes ou em instituições similares, devendo ser propiciado às crianças, em processo educacional, e aos adultos, como forma de lazer competitivo, com regras próprias.

De outro, o esporte é visto como vilão por sua rigidez de objetivos e regras preestabelecidos, preferindo este grupo de autores defender o jogo e destacar a sua flexibilidade e os seus aspectos lúdicos.

Há ainda os que apontam ambas as práticas como fontes de prazer e entretenimento, necessários ao homem a partir da infância e durante toda sua vida, recomendando ainda que, ao desportista com talento, seja dada a oportunidade de atuar no esporte de alto nível.

Observou-se também que tal polêmica pode estar centrada em ideologias ou dependente de correntes relacionadas com a área da Educação Física, que poderiam estar apoiadas na formação dos seus autores.

Seria justo, a partir deste ensaio, proceder a uma investigação mais aprofundada das faces do esporte no terreno dos acontecimentos para perceber, junto aos mais diretamente envolvidos, os aspectos que os relacionam à prática, analisando-os nas suas vertentes lúdica, educativa, competitiva e de rendimento, uma vez que muitos benefícios sobre o equilíbrio do ser humano têm sido já reconhecidamente imputados à prática dos esportes.

PHYSICAL EDUCATION AND FACES OF SPORTS

ABSTRACT

The aim of the present review study was to analyze sports pros and cons, based on topics from national and international literature on Physical Education. It was possible to identify and discuss the opposite trends and verify the presence of ideological motivations which demonstrate the radicalization of both faces: the pros and the cons. Some moderate findings lead to the belief that it is possible to use sports both in school and out of school since childhood to promote benefits to personal balance and social life and give good quality to life.

Key words: Physical Education, sports, faces.

REFERÊNCIAS

BELTRAMI, Dalva Marin. **A educação física escolar contemporânea:** um estudo sobre o jogo como estratégia pedagógica e seus fundamentos teóricos metodológicos. 1998. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizado social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília, DF: Educação Física/SEF, 1998.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Física e Desportos. **Uma nova política para o esporte brasileiro:** esporte brasileiro, questão de estado. Brasília, DF, 1995.

BRHUNS, Heloísa Turini. **O corpo parceiro e o corpo adversário.** Campinas: Papyrus, 1993.

COLETIVO de autores. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

CAGIGAL, José Maria. Educação física na década de setenta. In: _____. **Cultura intelectual y cultura física.** Buenos Aires: Kapulusz, 1979.

_____. **O deporte! – anatomia de un gigante.** Spain: Miñón, 1981.

FONTANELLA, Francisco Cock. **O corpo no limiar da subjetividade.** Piracicaba: Ed. da Unimep, 1995.

FINCK, Silvia C. **Educação física e esporte:** uma visão na escola pública. 1995. Dissertação (Mestrado). UNIMEP, Piracicaba, 1995.

- FRIEDMANN, Adriana. **A arte de brincar**. São Paulo: Scrita, 1995.
- FREIRE, João Batista. **Educação Física de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 2. ed. São Paulo: Spicione, 1991.
- GOLDENBERG, Margareth. 1998. **Programa de educação pelo esporte**. São Paulo: Instituto Ayrton Senna/Audi, 1998. Disponível em: <http://www.ias.com.br>> Acesso em: 24 set. 1998.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**: Campinas: Papirus, 1994.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LE BOULCH, Jean. **Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MONTAGNER, Paulo Cezár. **Esporte de competição X Educação: o caso do basquetebol**. 1993. Dissertação (Mestrado) - UNIMEP, Piracicaba, 1993.
- MOURÃO, Ludmila; PEREIRA, Guilherme Borges Pacheco. O cotidiano da educação física escolar. In: VOTRE, S. J. (Org.). **Cultura, atividade corporal & esporte**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 1995.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- O DESAFIO de Viviane Senna: empresária aposta na educação pelo esporte. **Revista Caras**, São Paulo, ano 5, n. 40, p. 256, out. 1998.
- SHIGUNOV, Viktor ; PEREIRA, Vanildo Rodrigues. **Pedagogia da educação física: o desporto coletivo na escola**. São Paulo: IBRASA, 1993.
- TEODERESCU, Leon. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Horizonte, 1984.
- TUBINO, Manuel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 1992.
- ZALUAR, Alba. O esporte na educação e na política. **Educação e sociedade**. Campinas, n. 38, p. 19-44, abr. 1991.
- 10 ANOS do programa social da Mangureira: o sonho se tornou realidade. **Revista Mangureira**, Rio de Janeiro, 1997.

Recebido em 16/05 /00

Revisado em 04/08/00

Aceito em 14/10/00

Endereço para correspondência: Marcelo da Silva Villas Bôas, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná.